

1.

A voz e a surdez

"A língua de um povo fornece seu vocabulário e seu vocabulário é uma bíblia bastante fiel de todos os conhecimentos desse povo."⁴ Segundo Foucault⁵, o conhecimento e a linguagem se apóiam, criticam-se e se completam incessantemente. O ato de falar é estreitamente entrecruzado com o saber, tem a "tarefa e o poder de 'representar o pensamento'".

A voz representa o pensamento e permeia o poder. Sendo o verbo condição indispensável para o discurso, "a fala, o exercício da fala, está ligada ao problema do poder: é o tema do direito à palavra".⁶ Ao citar Finley, Barthes⁷ coloca a palavra como um direito legal do cidadão, na qual o significado da palavra *isegoria*, do grego, "liberdade de falar igual para todos", é usada por escritores gregos como "sinônimo de democracia". Pode-se perceber pela etimologia da palavra *discurso* (*Discurro* = correr para todos os lados, na qual do latim *discursus* = correr de um lado para outro, discussão) a importância da *palavra* na posição do homem na sociedade.

A fala foi o principal meio de comunicação como forma de expressão e transmissão de conhecimento até a evolução dos processos de impressão de livros. Segundo citação de Febver, em Barthes, o *sentido auditivo* do homem da Idade Média prevalecia sobre sua visão. A sociedade feudal se transformou em uma sociedade dominada, progressivamente, por instituições políticas centralizadas, com uma economia urbana e mercantil, em que floresceu o mecenato da educação, das artes e da música, na qual o conhecimento se dava predominantemente pela audição. Isto é, o conhecimento e as informações eram passadas oralmente de geração em geração. A partir do Renascimento, começa uma inversão dos sentidos. Começa o surgimento de uma *civilização da visão*, onde "o ouvido passa para segundo

⁴ DIDEROT in FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. p. 103

⁵ FOUCAULT, M. Op. Cit. p. 93

⁶ BARTHES. R. *O Neutro*. p. 50

⁷ FINLEY, M. in BARTHES, R. Op.Cit. p. 51

plano".⁸ Era revolucionária, no século XVI, a noção de que a compreensão das idéias poderia estar desassociada à audição.⁹

Pelas observações acima, verificamos a concepção discriminatória diante da história da humanidade, na qual pessoas não condizentes com certos parâmetros eram desconsideradas como atuantes e participantes na sociedade. Os surdos fazem parte de um grupo de pessoas com limitações específicas que eram considerados pela percepção vigente, sobretudo até a Idade Média, como "*anormais*", seres "*monstruosos*", *meio-homem meio-besta*. No século XVII, eram tratados como "*indivíduos a corrigir*", "*interditados*" por *instituições de adestramento*.¹⁰

As interpretações dadas aos pensamentos de Aristóteles, que afirma que os símbolos tinham que ser falados para serem compreendidos¹¹, somadas à influência bíblica do cristianismo, contribuíram para que os surdos fossem relegados à marginalidade na vida social.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus [...] (O Verbo) era a verdadeira luz que vinha ao mundo, ilumina todo homem.¹²

Percebemos a exaltação bíblica da ligação entre o indivíduo ouvinte e o mundo dos deuses, onde a *escuta* da palavra divina sintetiza a fé, "pois é essa escuta que liga o homem a Deus"¹³. Conseqüentemente, essa concepção gerou total despreparo de comunicação e desenvolvimento educacional dos surdos.

Antes do aparecimento dos primeiros educadores de surdos, muitas interpretações errôneas eram dadas a respeito do indivíduo deficiente auditivo. Ao conceber que a fala é a representação do pensamento, nos tempos em que a audição predominava, julgava-se que os surdos eram incapazes de pensar, muitas vezes eram internados em asilos e perdiam seus direitos naturais. A falta de linguagem e comunicação

⁸ BARTHES. R. *Como Viver Junto*. p. 153

⁹ SACKS. *Vendo Vozes*. p.29

¹⁰ Nos resumos dos cursos ministrados no *Collège de France*, entre 1970-1982, na cadeira de *História dos Sistemas de Pensamento*, Foucault analisa as transformações no decorrer da história. Uma das perspectivas é sobre a ótica da evolução das formas de penalidade, que refletem as mudanças de pensamento perante os criminosos. A associação das noções jurídicas às noções das leis da natureza se deve ao fato de que a perturbação a respeito de um indivíduo fora dos padrões não se dá apenas sob o olhar da natureza, mas sob o olhar jurídico (casamentos, batismos ou heranças). pp.61-63

¹¹ SACKS, O. Op. Cit. p.28

¹² Evangelho segundo S. João, Prólogo 1,1-2 e 9

¹³ BARTHES, R. O Óbvio e o Obtuso. p. 220-221

dos surdos era confundida com uma falta de raciocínio e intelectualidade.

A partir do século XVI, a possibilidade de comunicação dos surdos se tornou real. "O médico italiano Girolamo Cardano, afirmou que os surdos-mudos podiam ser postos em condições de 'ouvir lendo e de falar escrevendo'".¹⁴ Mas foi no século XVIII que o abade L'Epeé começou a sistematizar o uso da linguagem utilizada pelas comunidades surdas.

Com a existência da possibilidade de educação de pessoas surdas, desenvolveram-se diversos métodos de ensino que, até hoje, travam batalhas conceituais. As trocas de propostas de ensino para os surdos se tornaram constantes. Controvérsia, seqüências e conseqüências, fundamentadas nas opiniões em vigor, validadas, até mesmo, pelo advento de novas tecnologias, fazem a educação ir e vir perante aos métodos.

Das metodologias mais influentes, podemos destacar o *Oralismo*, a *Comunicação Total* e o *Bilingüismo*.¹⁵ A abordagem *oralista* defende a intervenção de profissionais que estimulem qualquer tipo de audição residual, preconizando as experiências lingüísticas orais. A abordagem da *Comunicação Total* enfatiza a comunicação por sinais concomitantes à fala, fazendo uso de uma comunicação bimodal, que utiliza a língua de sinais ou datilologia¹⁶ simultaneamente a fala; No *bilingüismo* é defendido o ensinamento de duas línguas ao surdo: a língua de sinais e a língua da sociedade em que convive, priorizando a língua utilizada pela família da criança surda. Onde a estimulação dos órgãos de audição e fala devem ser dados, independente da família ser surda ou não.

A postura dos familiares é fundamental para o progresso da fala oral das crianças surdas. Muitas crianças surdas, filhas de pais surdos, não sentem, a princípio, necessidade de comunicar com pessoas ouvintes porque estabelecem comunicação com a família apenas com sinais. Ao passo que as crianças surdas, filha de pais ouvintes, têm esta necessidade comunicativa antecipada.

O *oralismo*, defendido por Gran Bell, tomou grande força devido aos avanços tecnológicos do séc. XVIII e em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos (Milão - Itália), chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oral Puro, isto é sem outras linguagens que não fosse a oral, na qual qualquer gesticulação deveria ser evitada. Depois do Congresso de

¹⁴ ARAÚJO, A. M. L. Jogos Computacionais Fonoarticulatórios para Crianças com Deficiência Auditiva. p.10

¹⁵ ARAÚJO, A. M. L. op. Cit. p.11

¹⁶ a datilologia é o alfabeto da língua portuguesa traduzidos em sinais.

Milão, a linguagem de sinais, em todas as suas formas, "foi proibida e estigmatizada."¹⁷ Isso acarretou em um grande atraso no desenvolvimento escolar das crianças surdas, uma vez que os professores não tinham a mesma linguagem dos alunos e despendiam um tempo enorme para ensiná-los primeiro a falar para passar as matérias curriculares.

Na década de 60, a língua de sinais ressurgiu acompanhando a língua oral através da corrente *Comunicação Total*. Nos anos 80, o bilingüismo se tornou o método mais defendido.

No Brasil a educação dos surdos teve início com a chegada de Ernest Huet em 1857 a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que inicialmente, utilizaram a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades. Em 1911 passou a adotar o oralismo puro e na década de 70 adotou a *Comunicação Total*, trazida por Ivete Vasconcellos, educadora de surdos na Universidade de Gallaudet, única universidade de surdos no mundo. Atualmente se utiliza o método *Bilíngüe* de educação dos surdos. Esta mudança seu deu recentemente, em 1990.

Um retrato da surdez

A palavra "*surdez*", segundo o neurologista Oliver Sacks¹⁸, é um termo vago, ou melhor, é tão abrangente que nos impede de levar em conta os graus de surdez imensamente variados e suas respectivas importâncias qualitativas. O autor afirma que o estágio em que ocorre a surdez é tão importante quanto o conhecimento de cada grau da deficiência.¹⁹ Uma vez que a perda da audição pode ter relação direta com a aquisição de linguagem do indivíduo, o neurologista considera a diferença está em se a surdez é pré-lingüística ou não.

A surdez, congênita ou adquirida, é classificada no Brasil em quatro grandes grupos²⁰:

-deficiência condutiva: resultado de alterações do ouvido médio ou externo. Consiste na dificuldade ou impedimento da passagem das vibrações sonoras para o

¹⁷ KOSLOWSKI, L. *O Modelo Bilíngüe/Bicultural na Educação do Surdo*. 2000. Anais do V Seminário Nacional do INES.

¹⁸ SACKS, O. Op. Cit. p.17

¹⁹ SACKS, O. Op. Cit. p.18

²⁰ SANTOS, T.M.M e RUSSO, I.C.P. Citados em NASCIMENTO, L.C.R *Fonoaudiologia e Surdez*. p.24

ouvido interno. A orelha interna tem capacidade de funcionamento normal, mas não é estimulada pela vibração sonora. Esta estimulação poderá ocorrer com o aumento da intensidade do estímulo sonoro. A grande maioria das deficiências auditivas condutivas pode ser corrigida através de tratamento clínico ou cirúrgico;

-deficiência sensorio-neural: origina-se no ouvido interno. Ocorre quando há uma impossibilidade de recepção do som por lesão das células ciliadas da cóclea ou do nervo auditivo. É também chamada surdez de percepção, nervosa ou de ouvido interno. É causada por doenças ou malformações de origem hereditária. Esse tipo de surdez pode ser provocado também por fatores tóxicos, traumas ou exposição do ouvido à poluição sonora. Os limiares por condução óssea e por condução aérea, alterados, são aproximadamente iguais. A diferenciação entre as lesões das células ciliadas da cóclea e do nervo auditivo só pode ser feita através de métodos especiais de avaliação auditiva;

-deficiência mista: apresenta lesões ou alterações do ouvido médio e interno associadas;

-deficiência central: causada pela disfunção ou mal desenvolvimento das vias auditivas do sistema nervoso central. Esse tipo de deficiência auditiva não é, necessariamente, acompanhado de diminuição da sensibilidade auditiva, mas se manifesta por diferentes graus de dificuldade na compreensão das informações sonoras. Decorre de alterações nos mecanismos de processamento da informação sonora no tronco cerebral (Sistema Nervoso Central).

A intensidade ou volume dos sons é medida em unidades chamadas decibéis, abreviadas para dB. Na Figura 1, podemos verificar um escala em decibéis e um respectivo representante sonoro. Sessenta dB é a intensidade do som de uma conversa, e 120 dB a de um avião a jato. A perda de 25 dB, corresponde a problemas de audição. A perda de 95 dB pode ensurdecer totalmente uma pessoa.

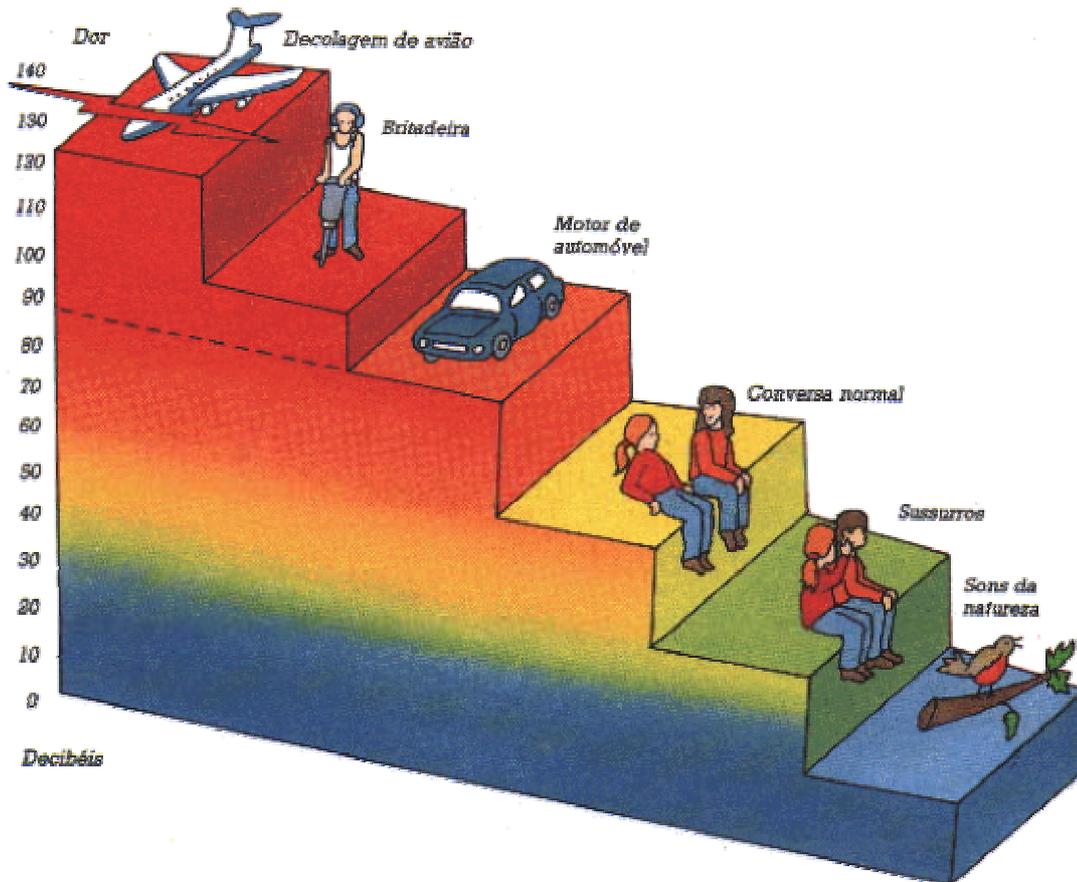


Figura 1 - equivalências auditivas

Considerando que a audição normal tem uma perda entre 0 e 24 dB, é classificada como surdez leve a perda auditiva entre 25 e 40 dB, surdez moderada a perda auditiva entre 41 e 55 dB, surdez acentuada a perda auditiva entre 56 e 70 dB, surdez severa a perda auditiva entre 71 e 90 dB e surdez profunda a perda auditiva acima de 91 dB²¹.

O último censo realizado no Brasil, em 2000, mostra que de 3,5% da população têm deficiência auditiva, o equivalente a 5,9 milhões de pessoas²².

A perda auditiva profunda congênita traz o prejuízo direto na fala, provoca alteração da voz, atraso de linguagem e dificuldades de aprendizagem, influenciando o comportamento social e emocional. Por provocar dificuldades lingüísticas, a surdez pode gerar sérias limitações na vida do surdo, impossibilitando sua participação na sociedade e a troca de informação e aprendizado.

É possível tratar a perda da audição no ouvido externo ou médio com medicamentos que combatem as infecções. Às

²¹ Lei nº 3.53, de 24 de outubro de 1989 (Art. 4, II), sobre a Política Nacional de Integração da Pessoa de Deficiência.

²² CNI / SENAI sobre o Censo 2000 do IBGE disponível em: <http://www.aja.org.br/senai/>

vezes, é necessária uma cirurgia para fechar perfurações no tímpano ou drenar líquido contaminado do ouvido médio. As doenças dos ossos são tratadas substituindo o estribo por outro, artificial. Já a curar a surdez sensorio-neural do ouvido interno é impossível. Uma solução para a correção desse problema é o implante de eletrodos na cóclea.

O implante coclear consiste na inserção de aparelhos biomédicos de alta tecnologia designados para conversão dos sons captados em corrente elétrica, estimulando as fibras residuais das terminações do nervo auditivo no ouvido interno, a cóclea e gerar sensações auditivas.

A sensibilidade do ouvido recolhe os sons do mundo à sua volta e os conduz aos centros medulares que codificam numa diversidade de representações neurais. A audição é um sentido que funciona de forma ininterrupta, colocando o indivíduo em constante contato com o meio. É o principal canal para a aquisição da linguagem na modalidade oral. Sem a linguagem, a pessoa fica impossibilitada de comunicar, tornando-se incapacitada e isolada.

A educação e o desenvolvimento cognitivo são direitos de qualquer cidadão, independente de suas limitações físicas. O Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), é uma das instituições nacionais responsáveis pela difusão do conhecimento na área de surdez, é o centro de referência na educação dos surdos brasileiros e colabora, formando profissionais, incentivando pesquisas e proporcionando aos jovens surdos a aquisição de linguagem.

O INES

O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, localizado na cidade do Rio de Janeiro, é um órgão do Ministério da Educação que tem por base a diretriz constitucional (art. 208, III)²³ de integração das pessoas portadoras de necessidades especiais no sistema de ensino regular. O INES é o Centro de Referência Nacional de educação de surdos e realiza ações que dão suporte para que outras instituições em todo o país possam educar e profissionalizar os surdos. Tem o papel de defender e disseminar os direitos dos surdos como a inclusão no sistema educacional e capacitação profissional. Para isso estimula o exercício dos direitos individuais e sociais e sua efetiva

²³ A Constituição Federal estabelece o direito de as pessoas com necessidades especiais receberem atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino. A diretriz atual é a da plena integração dessas pessoas em todas as áreas da sociedade. Trata-se, portanto, de duas questões - o direito à educação, comum a todas as pessoas, e o direito de receber essa educação sempre que possível junto com as demais pessoas nas escolas "regulares"

integração social, pelo incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico em todas as áreas do conhecimento relacionadas com a pessoa surda. O INES produz material didático-pedagógico, capacita recursos humanos, realiza pesquisas e programas de reabilitação e encaminhamento profissional e presta assessoria técnica aos profissionais e instituições que atuam na área da surdez. Através de seu Colégio de Aplicação, aprimora a política pedagógica, nos diferentes sistemas de ensino, visando melhorar a qualidade do atendimento à pessoa surda. Contribui ainda na prevenção e detecção precoce da surdez na sociedade brasileira.

Em 26 de setembro de 1857, durante o império de D. Pedro II, foi fundado pelo professor surdo Hernest Huet, sob a Lei nº 939, da mesma data, que garantiria os direitos básicos às pessoas surdas, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, que em 1957 foi chamado de Instituto Nacional de Educação dos surdos - INES. Atualmente a data também marca a celebração brasileira do dia do surdo.

No princípio, o instituto acolhia os surdos do sexo masculino de todo o país num sistema de asilo. O caráter profissionalizante da instituição, instituído em 1925, veio se consolidar nos anos 30, quando surgiu o externato feminino e foram abertas as oficinas de costura e bordado.

Na década dos anos 50 o INES criou o primeiro curso para professores na área de surdez, fundou o jardim de infância do Instituto, inaugurou o curso de Artes Plásticas e desenvolveu o primeiro Centro de Logopedia do Brasil. O Serviço de Estimulação Precoce para atendimento de bebês de zero a três anos de idade foi criado na década de 70.

Um dos meios utilizados pelo INES para contribuir com o desenvolvimento e aquisição da linguagem da população surda, fornecendo recursos para a integração desse grupo na sociedade, é pela aplicação e incentivo da língua em sua modalidade oral, através de treinamento da fala, dado através da fonoaudiologia.

Fonoaudiologia e surdez

A fonoaudiologia é a área de conhecimento que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia relacionada à comunicação oral, escrita, voz e audição, bem como no aperfeiçoamento dos padrões de fala e da voz. Tem um papel importante na *prevenção secundária*²⁴ e tratamento da surdez.

²⁴ Segundo os dados fornecidos pelo INES, o estudo da etiologia da surdez demonstra a importância da *prevenção primária* na área da saúde, uma vez que, segundo dados da Organização Mundial de Saúde - OMS, 1,5% da população dos países em desenvolvimento têm problemas relativos à audição.

A *prevenção primária* refere-se às ações que antecedem o problema da surdez, evitando sua ocorrência e deve ser realizada por

Contribui na aprendizagem e tratamento dos distúrbios da fala conseqüentes da falta de audição.

A fala é um sistema de comunicação aprendido que requer o uso coordenado da voz, articulação e capacidade de utilizar a linguagem. Pela modulação da voz segundo regras e convenções sociais, o homem emite sinais carregados de significados, para expressar uma mensagem. Esse meio sonoro é conseqüência do som, produzido na laringe pela saída do ar (expiração) que atravessa as cordas vocais e as faz vibrar, articulando, através do movimento da língua, os lábios, a mandíbula inferior e o osso palato (céu da boca).

O fator preponderante para a modulação da voz nas pessoas ouvintes é a audição. Pela audição o ouvinte regula e modula a frequência, velocidade e entonação.

Ao citar Goldfeld²⁵, Garcia²⁶ expõe que a criança surda não pode, atualmente, adquirir espontaneamente a língua oral. Isto é, a aquisição da fala depende de todos os esforços profissionais e os avanços tecnológicos, orientados pela fonoaudiologia. Mesmo assim, não se pode comparar com a aquisição normal através do diálogo.

A maior parte dos fonoaudiólogos utiliza métodos tradicionais para mostrar à criança surda a forma correta de falar. É muito comum a utilização do contato entre o terapeuta e a criança, tocando nos órgãos que emitem voz, gesticulando, utilizando espelhos e identificando a vibração da laringe. Porém, atualmente os profissionais vêm fazendo cada vez mais uso de interfaces técnicas nos atendimentos. A análise da própria fala da criança, acompanhada pelo profissional, muitas vezes é alcançada através de gravações em fita ou vídeo feitas pelo fonoaudiólogo.²⁷

meio: de campanhas de vacinação das jovens contra a rubéola; de exames pré-nupciais; do acompanhamento à gestante (pré-natal); de campanhas de vacinação infantil contra: sarampo, meningite, caxumba, etc; de palestras e orientações às mães.

Já a *prevenção secundária* refere-se às ações que atenuam as conseqüências da surdez e são realizadas tanto na área da saúde, como na área da educação: na *área da saúde*, por meio do diagnóstico, da protetização precoce da criança e do atendimento fonoaudiológico; na *área da educação*, por meio do atendimento na Educação Infantil, principalmente através do Programa de Estimulação Precoce (para crianças de zero a três anos).

A *prevenção terciária* refere-se às ações que limitam as conseqüências do problema da surdez e melhoram o nível de desempenho da pessoa, como por exemplo, aquelas que compõem o atendimento realizado pela Educação Especial.

²⁵ GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo. plexus, 1997.

²⁶ GARCIA, *Análise da Fluência Verbal nos Surdos Oralizados em Português Brasileiro e Usuários da Língua de Sinais*. p.

²⁷ PRITCH, Op.Cit. p.2

Treinamento da fala

O fonoaudiólogo tem o papel fundamental de contribuir na aquisição e treinamento da fala. A DIFON (Divisão de Fonoaudiologia) é um dos departamentos do INES responsáveis pela estimulação precoce das crianças surdas para o aprendizado da Língua Portuguesa contemporânea, na sua forma oral, sob o pressuposto da "linguagem como atividade e forma de ação sobre o outro e sobre o mundo".²⁸ Considerando que a Língua Portuguesa se estrutura em quatro níveis (fonológico, morfológico, estrutural sintático e semântico-pragmático), o INES, preconiza as atividades de imitação, jogo simbólico, desenho e fala e considera que essas atividades "viabilizam a interiorização da experiência e sua conceituação. Essa passa do plano perceptivo e motor para se reconstruir no plano das imagens e das operações mentais que se manifestam, principalmente, na linguagem interior e na linguagem receptiva e, posteriormente, na linguagem expressiva." ²⁹. A linguagem expressiva se dá pela união de vários fatores³⁰, entre eles, a estimulação fonoarticulatória.

Para que os professores adquiram mais informação sobre as atividades que devem ser desenvolvidas, o INES utiliza, como referencial teórico, o livro Deficiência Auditiva, organizado por Giuseppe Rinaldi, para a Secretaria de Educação Especial. De lá foram extraídos alguns princípios utilizados nas seções de fonoaudiologia.

Na criança portadora de deficiência auditiva, para que o balbucio não chegue a cessar e a linguagem oral possa continuar seu processo de desenvolvimento, a estimulação não pode ser interrompida. Somente se a estimulação for continuada é que serão estabelecidos os laços tão importantes entre a atividade motora da fala e o "feedback" auditivo em tempo conveniente. [...]

Continuando o processo de aquisição da linguagem, a criança ouvinte normal passa, a seguir, a associar sons distintos a significados distintos, ou seja, estabelece a relação *significante / significado*. Depois usa uma ou duas palavras como sentença completa e

²⁸ RINALDI, G. *Surdez*. Secretaria de Educação Especial do Brasil.

1

²⁹ RINALDI, G. Op. cit. 1.1

³⁰ considera-se: percepção e identificação dos sons, ritmos e imagens; linguagem, língua e fala, com vista nos aspectos lexicais, morfossintáticos e semânticos pragmáticos

mais tarde combinações de palavras (de um a dois anos, mais ou menos). Por volta dos dois anos, a criança tem um vocabulário de vinte palavras e usa sentenças de quatro ou mais palavras.

Para as crianças de zero a três anos com deficiência auditiva, o trabalho de estimulação da linguagem deve ser planejado sem o perigo de 'pular' etapas."³¹

Uma das premissas do Instituto é de que toda surdez é residual³² e deve ser estimulada.³³ Eles defendem a utilização, mais cedo possível, de aparelhos de amplificação sonora individual para aumentar as potencialidades auditivas da criança e possibilitá-las de distinguir a duração e velocidade do som.

Sobre a estimulação para o desenvolvimento da fala o INES defende que o professor deve "preparar a criança para a emissão, desenvolvendo o controle de tensão e relaxamento, sua respiração, sensibilidade, mobilidade e propriocepção (consciência corporal) da região fonoarticulatória." Dando ênfase à respiração, tensão e relaxamento, ritmo e à estimulação da sensibilidade e mobilidade orofacial.

O aumento da capacidade pulmonar pelos movimentos de inspiração e expiração, pela produção da voz através do sopro expiratório, pela coordenação fono-respiratória e pela produção adequada da fala, permitirá que a criança emita os fonemas corretamente e com ritmo. No livro da Secretaria de Educação Especial, "em se tratando de crianças de zero a três anos, os melhores resultados serão obtidos através de situações lúdicas bastante motivadoras", as atividades são ainda sugeridas. São elas: apagar velas; soprar tiras de papel, penas, algodão, língua de sogra, balões (bexigas), bolinhas de sabão ("mil bolhas"), barquinhos de papel e/ou bolas de isopor em vasilha com água ou em uma caixa coberta com filó; soprar, através de canudos, no espelho, tentando deixar marcas; brincar com apito, gaitas; derrubar retrós com sopros; cheirar perfumes; falar, expirando, soltando e sustentando a voz; conscientizar-se do ato respiratório, colocando uma mão sobre seu próprio peito e a outra sobre o do professor, ou um objeto sobre o peito ao se deitar para vê-lo levantar e abaixar; nadar.

O controle de tensão e relaxamento dos músculos do tórax, pescoço, rosto e o reto do corpo contribuem para a respiração, vocalização e articulação de fonemas. A

³¹ Dinâmica da Língua Portuguesa em sua modalidade oral

³² Segundo o material da Secretaria de Educação Especial do Brasil, mesmo na surdez profunda, na perda acima da 91 dB, ainda existe audição residual que deve ser estimulada.

³³ RINALDI, G. *Surdez*. Secretaria de Educação Especial do Brasil. 1.1.1

percepção do ritmo, por músicas e movimentos corporais, auxiliam a propriocepção (consciência corporal); coordenação motora global mais harmônica; tonicidade muscular: estados tônicos físico-emocionais (tensão e relaxamento); própria respiração; e emissões vocálicas, respeitando os ritmos básicos que são próprios da fala.

A estimulação da sensibilidade e da mobilidade orofacial consiste em exercícios labiais, da língua, do palato, da mandíbula e bochechas, contribuindo para familiarização de dessas partes do corpo e, conseqüentemente, contribuindo com a locução e a leitura labial.

As regras do jogo

O computador pode ser considerado uma das ferramentas clínicas para a terapia da fala. Os softwares podem ajudar no diagnóstico de desordens da fala e fornecer recursos de treinamento durante o tratamento. Os jogos utilizados durante a terapia fonoaudiológica fazem parte de um conjunto de exercícios de treinamento da fala. Um display visual pode ser útil para incentivar os pacientes a atingirem o alvo ou objetivos especificados, possibilitando-os visualizar o progresso na tela do computador.

Existem diversos softwares para treinamento da fala. Alguns são simples e fornecem uma única forma de exposição da fala, enquanto os mais complexos possuem uma variedade aspectos na exibição.³⁴

Os jogos ocupam uma posição muito importante na educação infantil. Têm a finalidade de estimular as crianças através da fantasia pela linguagem visual e sensorial. Contribuem, também, para o desenvolvimento da linguagem, da motricidade, da educação e da inteligência, propiciando à criança criar funções, estabelecer e distinguir posições, aprender limite e regras e desenvolver associações. A inserção de alguns conceitos de interatividade, manipulação e imersão reafirmam as características dos jogos educativos: evidenciam o aprendizado de forma construtiva, construindo o conhecimento através dos atos da criança.

O jogo educativo deve ser atrativo. A visualidade pode ser decisiva para o envolvimento da criança com os jogos. A produção de situações sedutoras, aproveitando o campo plástico e estético, associados a uma dinâmica dos jogos, possibilitam seu bom aproveitamento, e permitem que a compreensão das informações, sejam elas subjetivas ou não, seja instantânea.

³⁴ O'KELLY, J. *The Computer's Role in Speech Therapy*. Department of Computer Science, National University of Ireland, Maynooth. 2002 p.1

A interpretação de elementos científicos por artistas é de grande importância. Através da arte, a linguagem científica é decodificada e o conhecimento pode ser socializado. O artista constrói, cria, recria, interpreta, decodifica, exprime a ciência. A utilização da arte como linguagem científica explicativa possibilita uma compreensão maior até mesmo dentro das comunidades científicas. Sem a representação visual de fenômenos científicos, a compreensão da anatomia humana, modelos tridimensionais de prédios e pontes, desenhos de células e ondas luminosas seria ainda mais difícil.

Os jogos de computador vêm adquirindo um crescente papel nesse sistema de treinamento. No INES, todas as salas de atendimento da DIFON são providas de um computador. Entretanto, jogos destinados ao treinamento da fala da língua portuguesa para crianças surdas ainda são muito restritos.

A indústria de jogos é embrionária no Brasil. Contudo, jogos educativos vêm conquistando um espaço cada vez maior no comércio. Jogos com certa especificidade como os de treinamento da fala de crianças surdas, são, na sua maioria, desenvolvidos pelos próprios professores, dentro das próprias instituições de ensino. O caráter educativo é social são evidentes em projetos que têm, por exemplo, sua distribuição gratuita e disponibilidade na Internet. Projetos computacionais voltados para a educação e aquisição de linguagem de surdos podem ser vistos em muitas instituições, especialmente porque o Governo acredita na importância da informática na educação. O MEC busca difundir seu uso pelo Programa de Informática na Educação Especial, promovendo o acesso à informática através de financiamento de equipamentos de informática para a implantação de um laboratório em cada escola e a formação de professores em informática aplicada à Educação Especial.³⁵

O país, hoje, conta com uma política da Secretaria de Educação Especial, do Ministério da Educação de integração e inclusão do aluno com necessidades especiais no sistema regular de ensino. Condiciona o atendimento em classes e escolas especializadas apenas se não for possível a inclusão nas escolas comuns em função das necessidades do educando. (Política Nacional de Educação Especial / MEC, 1994). Esta política foi uma orientação aplicada na Conferência Mundial de Educação Especial, a Declaração de Salamanca, em 1994, que reuniu 88 representantes de governos e 25 organizações internacionais e discutiu o desenvolvimento de crianças deficientes.

A Legislação orienta os educadores a dirigirem seus esforços na estimulação precoce da criança portadora de

³⁵ Secretaria de Educação Especial, Ministério da Educação
<http://www.mec.gov.br/seesp/informatica.shtm>

deficiência física. A inclusão, nesse contexto, implica o compromisso que a escola deve assumir a educação cada criança. Assim, todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independentemente de sua origem social, étnica ou lingüística.³⁶

A estimulação precoce da linguagem é uma das premissas do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), Centro Nacional de Referência na Área da Surdez que está diretamente subordinado ao Ministério da Educação (MEC). No capítulo Sinais, estão expostas as prescrições do MEC e seguidas pelo INES, que objetivam difundir e estimular inovações pedagógicas voltadas para aquisição de linguagem de crianças surdas. Através da estimulação precoce as chances de sucesso da inserção e integração de crianças surdas no ensino regular são muito maiores, proporciona experiências significativas que favoreçam a compreensão e recepção lingüística, despertando a necessidade se expressarem e se comunicarem.

A proposta de sistemas educacionais bilíngües (linguagens de sinais e o português) contempla o direito lingüístico da pessoa surda ao acesso de conhecimentos sociais e culturais em uma língua na qual tenha domínio dando condições adequadas ao desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade. A questão está no fato de que integrar não é só “alocar” a criança na sala de ensino regular, pois, da forma como esse está organizada nesse momento, leva à segregação da criança surda mais do que à inclusão.³⁷

³⁶ LACEDA, T. Machado, A.B. *Concepção de Interfaces para Documentos Educativos Hipermedia*

³⁷ LACERDA, T. Op.Cit.